

ALABARDAS, O ROMANCE INACABADO DE JOSÉ SARAMAGO

ANTONIO ARENAS BERRÍO

Para minha mãe Irene

O romancista José Saramago não necessita de nenhuma apresentação; ele é, na opinião de alguns críticos, um gênio da literatura do século XX, em que a consciência estética e ética são o centro de sua arte. Saramago sempre julgou mal a indolência e a apatia moral da comunidade humana. Certa vez disse: “Apercebi-me, nestes últimos anos, de que estou à procura de uma formulação ética: quero expressar, através dos meus livros, um sentimento ético da existência, e quero expressá-lo literariamente”. Entre todas as obras de Saramago estão *O ano da morte de Ricardo Reis*, *O evangelho segundo Jesus Cristo*, *Ensaio sobre a cegueira*, *Todos os nomes*, *A caverna*, *Ensaio sobre a lucidez*, *As intermitências da morte*, *Caim*, *A viagem do elefante*, *Manual de pintura e caligrafia* e seu último romance inacabado *Alabardas*. Agora, quem quiser formar uma opinião realmente especializada deverá estudar sua obra. Na consciência do escritor existe a experiência ética que é o exemplo de toda experiência humana. Para Saramago, o romance é um exercício intelectual e um veículo para refletir e pensar. Saramago, tal como o filósofo Spinoza, buscou a formulação de uma ética e tratou de expressar através de seus romances o sentimento profundo da existência e da mesma forma pretendeu sobrepôr-se à banalidade do mal e denunciar sobre toda a irracionalidade e a desumanização que afetam o mundo e toldam nosso destino.

No *Ensaio sobre a cegueira* descreve com plasticidade o assunto da irracionalidade e no *Ensaio sobre a lucidez* mostra os desrumos da democracia. Alguma vez Saramago expressou que escrevia porque tinha ideias e as ideias lhe apareciam quando lhe eram necessárias e indispensáveis para expressar certos pontos críticos sobre a vida e os sentimentos dos seres humanos. Meses antes de sua morte surgiu-lhe uma ideia que lhe permitiu refletir sobre a guerra e a violência que se exerce sobre as pessoas e as sociedades. “Uma velha preocupação minha (porque nunca houve uma greve numa fábrica de armamento) deu pé a uma ideia complementar que, precisamente, permitirá o tratamento ficcional do tema”. Uma ideia sobre a indústria de armas e a responsabilidade dos indivíduos frente à violência e à destruição. A literatura serve para discutir, ela registra uma questão da vida que se manifesta como tal, a literatura a utiliza para ter compreensões diversas.

No romance *Alabardas*, um romance incompleto, se destaca o conflito ético de Artur Paz Semedo, que não é mais que um burocrata débil, admirador das armas bélicas e bajulador de seu chefe, que sofre uma grande atração pelos filmes de guerra. Felícia (Berta) é uma nova imagem feminina da paz. Ela o incita a investigar sobre a sabotagem de uma bomba durante a guerra civil espanhola. Artur investigará sobre os obscuros enredos de uma época temerosa, mas além disso, fará com receio, fraqueza e desinteresse. A falta de responsabilidade ética, frente à atuação da companhia na guerra e a venda de armas seria seu peso na consciência.

A pesquisa seria “investigar livremente o arquivo na parte respeitante aos anos trinta do século passado” as atuações sobre as relações de produção da Belona S.A. mantidas com as guerras desse período. Guerras inúteis e apoiadas pelos fascistas. O romance *Alabardas*, que inicialmente se chamou “Belona”, é uma narrativa que recorda a guerra dos anos trinta. Depois o romance passou a ser “Belona S.A.”, que nos remete à ideia de uma empresa ou fábrica de armas, mas Saramago logo voltou a mudar o título para “Produtos Belona S.A.” porque proporcionava a ideia de uma fábrica de produtos agrícolas e aparatos sofisticados de guerra. Na última mudança, enfim, *Alabardas, alabardas, espingardas, espingardas*, que proporciona o sentido de lanças e armas de fogo; título retirado da tragicomédia de Gil Vicente, *Exortação da guerra*.

A proposta de Saramago era construir uma história humana verdadeira, onde através de duas personagens antagônicas, Felícia e Artur Paz Semedo, se refizesse e se tornasse real um compromisso moral sobre a guerra e o negócio lucrativo das armas no mundo. Trabalhadores, sabotagem, fuzilamentos são elementos-chave deste romance de só três capítulos. Saramago, se lança à ideia de se é improvável pensar se os artefatos bélicos possam ser objeto de sabotagem numa fábrica de armas. É possível uma greve numa fábrica de armas e por que não se sabe nada disso? No romance se reflete sobre o disparate e a desumanização dos indivíduos, uma vez que sua personagem, Artur, destaca que: “Desde o princípio do mundo que havia armas e não morria mais gente por isso, morriam os que tinham de morrer e

nada mais”. Advirta-se aqui a ironia como o assunto é tratado pela idoneidade das armas sobre os mortos. Morriam os que deviam morrer, o resto não importa, o fundamental é o negócio das armas, não interessam os mortos mas a ganância produzidas pelas armas.

Também aparece na narrativa uma bela pérola sobre a bomba nuclear – vejamos: “Uma bomba nuclear levava pelo menos a vantagem de abreviar um conflito que doutra maneira se poderia arrastar indefinidamente, como o foi o caso, antigamente, da guerra dos trinta anos, e a outra, a dos cem, quando já ninguém esperava que alguma vez pudesse voltar a haver paz”. Semelhante conclusão inesperada não cabe se não na cabeça dos vendedores de armas, a irracionalidade é tanto que chega ao ponto de a bomba nuclear ser útil para abreviar um conflito, não conta o desastre, a destruição, nem a perda de vidas humanas. O inadmissível chega ainda a um ponto mais alto, que a ética pessoal se perde e o mundo entra no caos. Saramago acreditava que não se podia renunciar ao pensamento, às ideias e a uma existência ética porque “Se a ética não governar a razão, a razão desprezará a ética”. Problema essencial para toda a sociedade e os indivíduos frente aos grandes conflitos bélicos. Não pensar a guerra, não questionar os governos e os vendedores de armas, nem discutir a guerra, se constitui na maior perturbação do ser humano. Toda guerra está sujeita ao tempo e aos interesses de muito poucos e às descomunais ganâncias econômicas dos mais ricos e poderosos do mundo. As pessoas ante a guerra são mais que uns párias, deslocados ou exilados. A guerra pode ser a pior peste da humanidade. Nas guerras quem perdem são as crianças, as mulheres e os velhos. A última ficção de Saramago é uma saída, uma destreza literária para meditar sobre as armas e o negócio dos aparatos bélicos.

A guerra se cristaliza numa complicada situação que supõe certa complexidade para a gente comum, porque a desorientação e a violência alcançam o ponto de se tornar insuperáveis. Violência, morte, destruição é o que resta depois de uma guerra. Ler hoje esta ficção, *Alabardas, alabardas, espingardas, espingardas*, não é mais que uma matéria sobre a existência humana. É uma busca pelo sossego impossível ou inalcançável numa sociedade iníqua e desigual. Para aqueles que nos falam de guerras ou de armas é preciso dizer-lhes que se mantém no fracasso ético da humanidade já que a paz poderia ser um caminho possível para romper a esfera da violência.

Ao ler o romance encontramos uma narrativa não acabada: o leitor só encontrará, como dissemos, três capítulos concluídos em que as personagens estão bem definidas, sobretudo Artur e Felícia, o conselheiro (engenheiro) seu pai, a secretária, Sesinando, Arsénico, e outros agregados à trama. O primeiro capítulo descreve as duas personagens principais, os devaneios bélicos de Artur, sua paixão por filmes de guerra, o servilismo, sua idiotice e as insistências de Felícia para que investigue “as profundidades do arquivo” da fábrica.

O pedido de Felícia ao seu companheiro é claro: “Que investigues nos arquivos da empresa se nos anos da guerra civil de Espanha, entre os anos trinta e seis e trinta e nove, foram vendidos por produções belona s.a. armamentos aos fascistas”.

O segundo capítulo do romance trata sobre o servilismo e o estudo a fundo do que se realizará nos arquivos e o interesse especial pelos anos trinta. O terceiro é sobre a fábrica, o edifício e sua especial descrição e solene momento de autorização da investigação...

Em Portugal

Alabardas, alabardas, espingardas, espingardas

Porto Editora, 2014 (com textos de Fernando Gómez Aguilera e Roberto Saviano e ilustrações de Günter Grass)

No Brasil

Alabardas, alabardas, espingardas, espingardas

Companhia das Letras, 2014 (com textos de Fernando Gómez Aguilera, Luiz Eduardo Soares e Roberto Saviano e ilustrações de Günter Grass)

En España e Argentina

Alabardas, alabardas, espingardas, espingardas

Alfaguara, 2014. Tradução de Pilar del Río (com textos de Carlos Gumpert, Fernando Gómez Aguilera e Roberto Saviano e ilustrações de Günter Grass) *

* Informações: Fundação José Saramago.

NE: Cedido para esta edição; publicado inicialmente na Revista *O cronópio*. Tradução de Pedro Fernandes de O. Neto.